

Saberes e fazeres manuais: Diversidade em comunidades da América Latina para preservação das memórias culturais e a sustentabilidade local

Manual know-how: Diversity in Latin American communities for the preservation of cultural memories and local sustainability

Nadja Maria Mourão, UEMG

nadjamourao@gmail.com

Ana Célia Carneiro de Oliveira, UEMG

anaceliadesign@gmail.com

Diony Euvira Gallegos Sanz, UEMG

dionygalegossanz@yahoo.com.br

Resumo

O continente Latino-americano se constitui em um rico mosaico étnico cultural, que abriga uma extensa variedade de práticas artesanais que expressam a identidade local, atuando como meio de resistência e resiliência frente às pressões da modernização e da globalização. Este artigo busca apresentar a importância dos saberes e fazeres manuais nas comunidades da América Latina, destacando sua diversidade e seu papel fundamental na preservação das memórias culturais e sustentabilidade local. Utiliza-se da metodologia qualitativa e revisão bibliográfica. São apresentados desafios enfrentados pelos artesãos na preservação de suas tradições, da economia local e da sustentabilidade. A integração desses aspectos pode levar a um desenvolvimento mais equilibrado e preservando o território nas comunidades. Portanto, a promoção e a valorização desses saberes são fundamentais para garantir que as vozes e as histórias das comunidades continuem a ressoar nas próximas gerações.

Palavras-chave: Saberes e fazeres; Diversidade; América Latina; Preservação; Sustentabilidade.

Abstract

The Latin American continent is a rich ethnic and cultural mosaic, home to an extensive variety of craft practices that express local identity and act as a means of resistance and resilience against the pressures of modernization and globalization. This article seeks to present the importance of handicrafts in Latin American communities, highlighting their diversity and their fundamental role in preserving cultural memories and local sustainability. It uses qualitative methodology and a literature review. The challenges faced by artisans in preserving their traditions, the local economy and sustainability are presented. The integration of these aspects can lead to a more balanced development and preservation of the territory in the communities. Therefore, promoting and valuing this knowledge is fundamental to ensuring that the voices and stories of the communities continue to resonate for generations to come.

Keywords: Knowledge and practices; Diversity; Latin America; Preservation; Sustainability.

1. Introdução

A América Latina é um mosaico cultural vibrante, no qual as interseções entre as tradições indígenas, coloniais e contemporâneas são determinantes para formação dos saberes expressivos em cada comunidade. Estes saberes, moldados de forma singular, referem-se as referências territoriais, características geográficas, seus biomas, condições climáticas, sócio-políticas, históricas, entre outras. Essas práticas destacam-se como expressões fundamentais da identidade cultural e da resistência social. Acredita-se que, a partir da valorização dos saberes e fazeres locais, seja possível fortalecer as comunidades, assegurando que as futuras gerações continuem conectadas com suas raízes, enquanto enfrentam os desafios do mundo moderno.

Este trabalho apresenta registros alguns exemplos de produções artesanais tradicionais que preservam a diversidade destes saberes em comunidades latino-americanas, destacando as memórias e a sustentabilidade local, sob o olhar do design. Em subtemas, o artigo realiza um recorde dos aspectos de preservação dos saberes e fazeres tradicionais, do artesanato, da economia local e conservação ambiental.

A América Latina é formada por países da América do Sul (Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Equador, Paraguai, Peru, Uruguai, Venezuela), da América Central (Costa Rica, Cuba, El Salvador, Guatemala, Haiti, Honduras, Nicarágua, Panamá, República Dominicana) e apenas o México, da América do Norte.

O termo "América Latina" foi citado por Michel Chevalier, em 1836, durante uma missão diplomática aos Estados Unidos ao México. Nos Estados Unidos, no entanto, essa designação só começou a ser utilizada no final do século XIX, tornando-se mais comum no início do século XX, para se referir à região ao sul da América do Norte. Após o término da Segunda Guerra Mundial, a criação da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe consolidou o uso da expressão, associando o termo "América Latina" aos países do continente, principalmente aos menos desenvolvidos, conforme Schwartz (1993).

Os saberes manuais na América Latina estão enraizados na história e na cultura de cada região. Em comunidades indígenas, por exemplo, a cerâmica, a tecelagem e a cesteria são habilidades em produções manuais que transmitem narrativas e valores ancestrais. Em lugares como o Peru, a técnica de tecelagem dos povos quéchuas é reconhecida por sua qualidade e estética, um design exclusivo na complexidade dos símbolos que representam (Montoya Rojas, 2007). Cada objeto artesanal conta uma história, refletindo a cosmovisão da comunidade. Na figura 1, pessoas e tecelagem quechua, que utilizam lã de alpaca, em Cusco, no Peru.

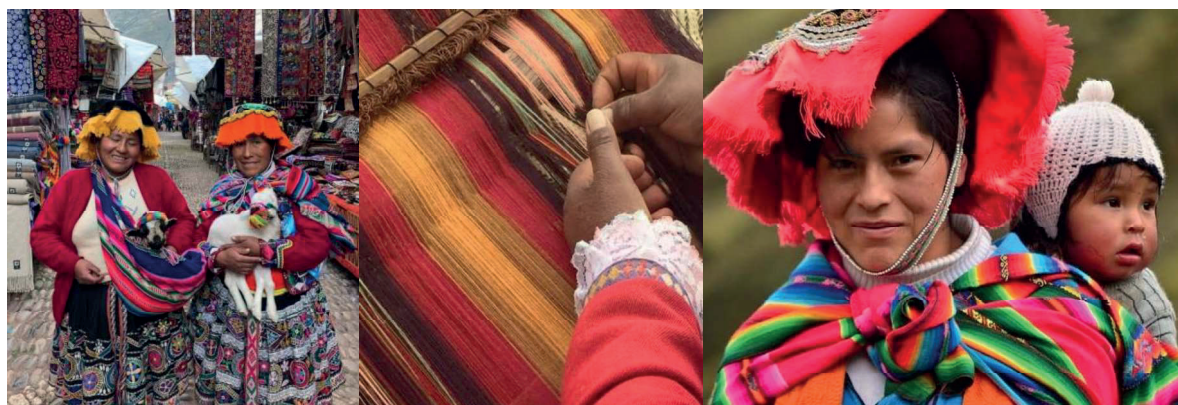


Figura 1: Pessoas e tecelagem quechua. Fonte: @quechuatreksperu

A maioria dos povos originais sempre utilizaram recursos naturais de suas terras com responsabilidade ambiental, estratégias de subsistência desenvolvidas ao longo de gerações, ou seja, a biodiversidade cultural, conforme Leitão (2021):

A diversidade torna-se, portanto, uma palavra-chave, que se amplia dos significados ambientais às semânticas relacionadas ao patrimônio cultural (especialmente ao patrimônio imaterial), considerando-se este último uma recriação permanente que é, ao mesmo tempo, dinâmica e histórica, e que para se reproduzir necessita, entre outras coisas, de acesso ao território e aos recursos naturais. Trata-se da biodiversidade cultural. (Leitão, 2021, p.33).

Além das comunidades indígenas, os saberes manuais também são característica marcante nas zonas rurais e urbanas da América Latina. Em diversos povos, os artesãos e artistas populares utilizam materiais locais e técnicas tradicionais para criar produtos que vão desde os pequenos adornos à construção de suas casas. No México, por exemplo, a tradição do artesanato em barro e as coloridas cerâmicas de Talavera destacam como o fazer manual pode ser uma fonte de renda e um símbolo de orgulho cultural. A Talavera é um tipo de cerâmica branca esmaltada produzida na Espanha, cuja técnica foi incorporada aos costumes mexicanos. No entanto, paradoxalmente, as peças fabricadas em Puebla, no México, tornaram-se mais renomadas do que as originárias da Europa. Considerado Patrimônio da Humanidade pela Unesco, as cerâmicas de Puebla receberam este reconhecimento devido à influência das artes locais, que se desenvolvem de uma estética singular na região. Antes da introdução dessa técnica pelos espanhóis, os povos indígenas do México já possuíam uma tradição consolidada na produção cerâmica, o que lhes permitiu incorporar elementos distintivos ao novo estilo, resultando em uma fusão cultural (Gómez, 2023). Na figura 2, apresentam-se alguns modelos destas cerâmicas, que são frequentemente vendidos em feiras e mercados locais, contribuindo para a economia familiar, valorizando a identidade regional e possibilitando o turismo cultural.



Figura 2: Cerâmicas Talavera, da cidade de Puebla. Fonte: @ceramicatalavera.

Por outro lado, as práticas manuais são manifestações que integram a luta por direitos sociais e ambientais. Em várias comunidades, o resgate de saberes tradicionais associam-se aos movimentos de resistência contra a industrialização e a exploração dos recursos naturais. Em países como o Brasil, do norte ao sul, iniciativas de produção artesanal com materiais vegetais incorporam técnicas ancestrais de cultivo e utilização de sementes, promovendo a soberania da agricultura familiar e a proteção do meio ambiente (Mourão, 2011). Essas práticas demonstram que os saberes manuais não são apenas um legado do passado, mas uma resposta ativa aos desafios contemporâneos, inclusive, sob o “olhar do design”.

O olhar do design distingue-se, principalmente, pela capacidade de articulação que a disciplina estabelece com diferentes saberes. A condução dessa abordagem se estabelece de acordo com os objetivos propostos, os métodos e o contexto de atuação do design, no qual o objeto de estudo está inserido. “Ou seja, a construção desse olhar é diversificada tanto quanto é diversificado o corpo teórico com o qual o design se relaciona” (Ferreira; Couto, 2012, p. 12).

Borges (2011), destaca que os objetos artesanais oferecem uma experiência material enriquecida de simbologias culturais. Para Adélia Borges, o artesanato são produtos únicos, diferente dos produtos industrializados que seguem um padrão uniforme. “Transmitem cultura, memória. Trazem um sentido de pertencimento. Por tudo isso, podem tocar - e o uso do verbo tocar não é fortuito - o nosso coração, a nossa alma” (Borges, 2011, p.204). A autora relata que ocorre a obtenção de registros preciosos da cultura local, em algumas atuações ou pesquisas de estilistas, designers, antropólogos e demais pesquisadores. Porém, é preciso cuidado para que os valores e a identidade sejam preservados e respeitados, durante e depois da relação destes profissionais com a comunidade. “O difícil é fazer com que este trabalho tenha significado e relevância para a comunidade local e assim, possa ser continuado” (Borges, 2011, p. 139).

Dessa forma, não se pretende abordar os extensos aspectos que permeiam a pesquisa, mas, destacar a relevância dos saberes e fazeres manuais, despertando interesses para que possam gerar ramificações do tema. Trata-se de uma proposta coletiva de pesquisadores de diversas instituições acadêmicas, unidos por grupos e linhas de pesquisas. Qualitativamente, sob o olhar do design, neste artigo apresentam-se alguns exemplos de artesanatos com materiais naturais de comunidades indígenas, quilombolas e urbanas, as quais, os pesquisadores obtiveram acesso.

Espera-se contribuir para a preservação de identidades culturais tradicionais e a promoção da diversidade na América Latina. As valorizações dessas práticas poderão ampliar o conhecimento do patrimônio cultural, estreitar os laços entre as comunidades de diferentes países, contribuindo para a coesão social e a sustentabilidade econômica das comunidades.

2. Procedimentos Metodológicos

Este artigo apresenta um recorte da pesquisa que busca conhecer os saberes e os fazeres manuais e suas diversidades em comunidades tradicionais em países da América Latina. Trata-se de uma proposta entre pesquisadores de diversas instituições acadêmicas e centros de estudos brasileiros e da América do Sul, por grupos de pesquisa registrados no CNPq. Dessa forma, cada pesquisador atua diretamente em sua região, compartilhando os estudos realizados.

Quanto à natureza, trata-se de uma pesquisa aplicada, que “objetiva gerar conhecimentos para aplicação prática e dirigidos à solução de problemas específicos” (Silva; Menezes, 2005, p.20). Do ponto de vista da abordagem do problema, apresenta-se como pesquisa qualitativa, fundamentada no design, havendo interpretação e atribuição de significados.

A metodologia para as atividades da pesquisa consiste em revisão bibliográfica sobre as temáticas principais (preservação dos saberes e fazeres tradicionais, do artesanato, da economia local e conservação ambiental); compreensão do contexto local e dos materiais para aplicação da pesquisa; análise dos dados e acompanhamento de comunidades artesãs, dependendo do acesso local dos pesquisadores. Até o momento, registram-se comunidades brasileiras, dos estados da Amazônia, Bahia, do Maranhão e Minas Gerais. No México, na região de Puebla e no Peru, na região de Cusco, e no Chile, nas regiões periféricas da capital, Santiago.

3. Artesanato e preservação de tradições

Quijano (2003) relata que, muito antes da colonização espanhola e portuguesa, os povos que habitavam o continente das américas possuíam culturas específicas, entre lutas e conquistas, formando suas histórias, de acordo com os registros dos maias, astecas, incas, toltecas e outros. Os incas, calchaquíes, tzotziles, olmecas, maias, guaranis, tupis, entre outros, são alguns exemplos unificados pelos colonizadores, denominando-os “índios”, uma palavra que não existia na região (Mariuzzo, 2023).

Atualmente, as noções de raça e etnia são analisadas como construções socioculturais e históricas. A identidade indígena, portanto, não é uma categoria fixa, mas varia de acordo com os contextos temporais e os agentes envolvidos em sua definição ou discriminação gerados durante o período de colonização da América Latina, conforme a CEPAL - Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (2015). Aspectos que enfatizam diferenças baseadas na cor da pele ou em características biológicas tendem a naturalizar a existência dos povos indígenas. Em contraste, a definição étnica ressalta elementos como a língua, as práticas culturais e as referências históricas que os próprios grupos utilizam para afirmar sua ancestralidade e identidade (Longhini, 2013).

Conforme Mourão (2011), os artesãos enfrentam diversos desafios na preservação de suas tradições, que podem variar de acordo com a região e o contexto socioeconômico. Contudo, são semelhantes, em quase todas as comunidades, as dificuldades para o desenvolvimento do artesanato local. As comunidades que se situam em áreas turísticas, por exemplo, enfrentam desafios para competir com os produtos industrializados, que são mais frequentes por interesses comerciais. A globalização facilita a circulação de mercadorias, mas inibem a viabilidade econômica das práticas artesanais locais, por interferências e interesses externos.

Busca-se pelo empoderamento identitário das comunidades, considerando as iniciativas, principalmente das mulheres, tanto no território brasileiro quanto nos demais países da América Latina. Observa-se que as emancipações das comunidades estão vinculadas aos fatores sócio-político-econômicos. Santos se refere às questões de emancipação como uma possibilidade de formulação de um corpo de teorias relevantes, por meio da análise das diversas realidades, sejam elas locais ou globais, envolvendo os esforços autônomos.

[...] a emancipação não é mais que um conjunto de lutas processuais, sem fim definido. O que a distingue de outros conjuntos de luta é o sentido político de processualidade das lutas. Esse sentido é, para o campo processual da emancipação, a ampliação e o aprofundamento das lutas democráticas em todos os espaços estruturais da prática social conforme estabelecido na nova teoria democrática abordada (Santos, 2010, p. 277-278)

Assim, as relações humanas com o território devem ser analisadas de uma forma ampla, pois existem elementos que interagem por fluxo contínuo, estruturados na dimensão socioambiental. “O território é a base do trabalho, da residência, das trocas materiais e espirituais e da vida, sobre os quais ele influi” (Santos, 2015, p.47).

Um exemplo a ser citado é o grupo de artesãs ceramistas de Itamatatua em Alcântara - Maranhão, que agregam valores à história da comunidade quilombola desde sua fundação, há mais de três séculos. A produção de artefatos como telhas e tijolos era uma tarefa destinada aos homens da região. No entanto, foram os vasos e adornos de cerâmica, confeccionados de forma peculiar pelas mãos das artesãs, que despertou atenção dos pesquisadores e da sociedade. Destaca-se que a argila única desta região e os saberes e fazeres, tornaram os objetos característicos desta comunidade, conforme Noronha (2015).

Os saberes e fazeres que mapeei estão ligados ao território no qual eles são produzidos. Desta forma, mais do que uma prática artesanal, é uma manifestação da territorialidade, ou seja, uma

materialização – na forma de artefatos – da identidade local. A questão da identidade étnica como amálgama da produção artesanal parecia-me um fio condutor, um traço comum entre todos os grupos. Assim, pensando conforme Almeida (2002, p.12), etnicidade abrange também uma interação com uma certa maneira de produzir e de se relacionar com a natureza, é possível afirmar que o artesanato da rede, do linho e do barro possui uma ancoragem no território no qual são produzidos e desta forma, associam-se à categoria *territorialidade* (Noronha, 2015, p.34).

A Associação de Mulheres de Itamatatiua foi fundada em 1989 a partir da mobilização das mulheres da comunidade, inicialmente organizada no então denominado "clube de mães". Esse espaço de encontro proporcionou a discussão de temas relevantes à vida comunitária, fortalecendo a participação feminina na organização social. Na década de 1990, foi construído o Centro de Produção Cerâmica, situado na zona central do sítio. O espaço foi concebido com o propósito de integrar e preservar os saberes locais, pois, funcionam na mesma construção uma escola de cerâmica e loja para comercialização das peças. O interesse dos turistas em Alcântara tem mantido o objetivo dessas incríveis mulheres (Noronha, 2015). Na figura 3, uma imagem do grupo de artesãs ceramistas de Itamatatiua, Alcântara – Maranhão.



Figura 3: Ceramistas de Itamatatiua, Alcântara - Maranhão. Fonte: Acervo da pesquisa.

Como o exemplo das cerâmicas, cita-se um outro exemplo que destaca a relação da comunidade com os recursos locais. Trata-se da criação de artefatos que buscam atender as necessidades locais e, com o passar do tempo, tornam-se elementos tradicionais. Velden (2023), relata que a fabricação de aerofone, objeto feito do chifre do boi para chamar a boiada, é um artefato em comunidades criadoras de gado. O autor esclarece que a fabricação deste artefato está registrada em vários povos do continente, inclusive entre os quéchuas (Peru) e dos Bororo (Brasil).

O uso de chifres bovinos para a fabricação de aerofones se difundiu entre vários povos do continente (incluindo a zona andina do Peru, onde é chamado, em quechua, de waka waqra, “cuerno de ganado vacuno”, conforme o dicionário do Gobierno Regional de Cusco [2005, p. 706]), mas se concentrou entre os povos Jê-Bororo no Brasil central, onde há muitos exemplos dessas peças de grande beleza. Os usos cerimoniais desses aerofones ainda precisam ser melhor analisados. Mário de Andrade (1989) observa as origens europeias e africanas dos berrantes do sertão brasileiro, mas nada diz acerca desses artefatos indígenas análogos e conectados com a expansão do gado pelo vasto interior do país (Velden, 2023, p.116).

O uso dos chifres é também um símbolo de poder e domínio de boiadas. Por exemplo, do povo Bororo (e também pelos Krahó e Xavante) que também roubavam o gado dos vizinhos não índios e seu abate nos arredores das aldeias (como faziam os grupos Tapuya no Brasil colonial). No entanto, este artefato é muito característico entre as comunidades sertanejas no Brasil, feito de chifre de boi e detalhes em couro. Aliás, por estes elementos e outros, o culto ao boi é uma das tradições que percorre as culturas de norte a sul do território brasileiro. Na figura 4, destaca-se os ornamentos em um chifre de boi, confeccionado com aerofone, conforme Velden (2020).



Figura 4: Aerofone (clarineta) Bororo, chifre de boi e cabelos humanos. Weltmuseum Wien. Fonte: Velden, 2020 (Foto: Felipe Vander Velden, 2019).

Os exemplos de produtos artesanais, a partir dos saberes e fazeres locais, ilustram a percepção do olhar do design. Observa-se, pelo foco social uma resistência das técnicas desenvolvidas adequadas para os grupos que as desenvolvem. Nota-se um diferenciador que respeita os fazeres pela estrutura dos povos que as constituíram. E, com o viés criativo, onde as fórmulas de resolução de problemas encontram possibilidades diversas e quase sempre únicas, os grupos preservam suas tradições, destacando suas identidades.

4. Artesanato e a economia local das comunidades

A comunidade surge a partir das relações de simpatia e confiança entre indivíduos, que se unem por vínculos de sentimentos. A formação de uma comunidade é um fato independente da vontade, em função de uma identificação coletiva que é preservada pelos seus membros seguindo o instinto, ou impulso natural, conforme Bonavides (2002):

Já a comunidade implica a existência de formas de vida e organização social, onde impera essencialmente uma solidariedade feita de vínculos psíquicos entre os componentes do grupo. A comunidade é dotada de caráter irracional, primitivo, munida e fortalecida de solidariedade inconsciente, feita de afetos, simpatias, emoções, confiança, laços de dependência direta mútua do “individual” e do “social” (Bonavides, 2002, pp.58-59).

Por outro lado, o grupo tribal é definido, por Carlos Gomes, de acordo com Mendes (2020), como um grupo com origem em comum e baseada numa identidade étnica acentuada.

A tribo é a um complexo de famílias alargadas que se mantêm juntas por interesses econômicos e por motivações ideológicas centradas numa presumível descendência de antepassados comuns. É um grupo social básico de famílias que reconhecem uma origem e um chefe comum. Numa fase inicial as tribos eram fundadas sobre relações de parentesco, mantinham uma organização baseada numa identidade étnica bem marcada e uma organização dotada duma grande mobilidade. Com o

decorrer do tempo, estas ligações transformaram-se cada vez mais em relações de territorialidade, alguns grupos tribais sedentarizaram-se e constituíram reinos tribais poderosos. (Gomes, 2008, p. 217 apud Mendes, 2020, p. 43)

Considera-se frequentemente, que o turismo possa ser um estímulo à produção artesanal, uma vez que as questões econômicas podem ser modificadas, gerando melhorias para a comunidade local. Culturalmente, as tribos indígenas não precisam expor seus hábitos e costumes. Muito pelo contrário, devido aos aniquilamentos gerados pela colonização, os povos indígenas não aceitam que os “brancos” interfiram em suas culturas. A questão indígena está muito além de uma única questão. Os problemas enfrentados pelos indígenas, estão cada vez mais complexos e dependentes de soluções do Estado, como a questão do território.

O povo Pataxó está entre os mais expressivos do Brasil, numericamente, ocupa a 9ª posição das etnias com maior população segundo dados da Fundação Nacional de Saúde (FUNASA), a maioria vivendo na região do extremo sul, no estado da Bahia. Estas tribos de organizam para atenderem ao turismo, comercializando seus produtos artesanais (Mendes, 2020).

A tribo dos Pataxó de Coroa Vermelha encontra-se à 12 km de Porto Seguro, em uma região de belas praias. A Reserva da Jaqueira em Coroa Vermelha é uma comunidade de pataxós que reúne 32 famílias que recebem visitantes para contar suas histórias, mostrar seus costumes e fazer uma verdadeira imersão na cultura indígena (vivências agendadas). Além dos trajes e costumes, esse povo preserva o idioma patxohã, ensinando algumas palavras para os turistas como: Cacuçu - homem, Jokana - mulher, Kitoke - menino, entre outras. Na figura 5, alguns exemplos dos artesanatos e imagens da visita à Reserva da Jaqueira em Coroa Vermelha.



Figura 5: Imagens da Reserva da Jaqueira em Coroa Vermelha, Porto Seguro, Bahia. Fonte: Acervo da pesquisa.

É importante destacar que, além da comercialização dos produtos artesanais da comunidade tribal, os turistas recebem uma aula sobre a história e a cultura dos Pataxós. O guia, membro da tribo, explica como eram os costumes há séculos e o que mudou na vida dessa comunidade nos dias de hoje. Um ponto significativo é a situação de pobreza deste povo e sua condição precária de vida (Mendes, 2020).

Quase 20 anos após a demarcação das terras da aldeia e investimentos públicos, as condições de vida melhoraram em determinados aspectos. Hoje possuem água encanada, escola, posto de saúde e auferem alguma renda com a exploração do turismo, através da venda de artesanato e com o eco turismo. Os visitantes podem fazer a Rota das Aldeias, onde poderão conhecer as aldeias da Jaqueira, Barra Velha,

Aldeia Velha e Imbiriba, nos arredores de Porto Seguro e também a do Monte Pascoal (Mendes, 2020, p.25).

Contudo, verifica-se que o artesanato, quando associado às tradições culturais e aos recursos naturais disponíveis, possibilita a construção de uma dinâmica de vida diferenciada no contexto local. Embora essa estrutura socioeconômica não possua a amplitude dos grandes centros urbanos, seus valores culturais e as atividades sustentáveis tornam-se elementos fundamentais para a promoção da qualidade de vida das comunidades envolvidas.

5. Artesanato e a preservação ambiental

Destaca-se que as atividades de produção artesanal são herança de povos tradicionais, de inspiração indígena, ribeirinha, quilombola, entre outras. A palmeira frutífera do Buriti (*Mauritia flexuosa*), por exemplo, pode ser encontrada com abundância em quase território brasileiro. Além dos aspectos nutricionais do fruto do buriti para o consumo humano e para animais, o óleo da polpa é utilizado na culinária e sua polpa, quando fermentada, se transforma em vinho. Também é possível encontrar produtos beneficiados como farinhas, doces e sorvetes, conforme Mourão (2011). Apresentam-se algumas imagens de produtos oriundos do buriti, trabalho artesanal utilizando as folhas e talhos da palmeira, especialmente nas comunidades quilombolas da cidade de Chapara Gaúcha, região de cerrado, em Minas Gerais (Figura 6).



Figura 6: Artesanatos de buriti das comunidades do cerrado mineiro, Brasil. Fonte: Acervo da pesquisa.

Para algumas comunidades, as produções artesanais além de atenderem as técnicas tradicionais geram também um processo criativo do coletivo, fornecendo soluções locais. O artesanato em crochê, por exemplo, além de ser uma expressão cultural, fortalece laços comunitários e promove a sustentabilidade ao utilizar materiais primas locais. Comunidades do Maranhão, de Fortaleza, Bahia e de Minas Gerais, utilizam as fibras naturais para tecerem o crochê. A palmeira de buriti, por existir em fartura em muitas comunidades, é um recurso muito utilizado na produção artesanal. O linho retirado das folhas do buritizeiro, beneficiado com cores diversas, é utilizado para a produção de crochê em comunidades onde o buriti se faz presente (Oliveira; Mourão; Castro, 2020). Na figura 7, apresenta-se a preparação do linho de buriti e um encontro de artesãs, na cidade de Barreirinhas, no Maranhão.



Figura 7: Linho de buriti e artesãs de Barreirinhas, Maranhão, Brasil. Fonte: Acervo da pesquisa.

Com a técnica do crochê e a fibra do buriti, essas artesãs transformam cada produto confeccionado em fonte de renda por meio do trabalho associativo. Contudo, para essas mulheres, fazer crochê é uma prática de lazer após as atividades domésticas, um fazer cultural coletivo que, nas palavras delas, é também uma terapia.

O artesanato, uma herança da história, dos costumes e da cultura dos povos tradicionais, se adapta aos moldes das condições sociais e dos recursos locais. Algumas vezes, é um desafio mantido pela sabedoria popular e transferido através das gerações, nas bases da cultura e tradições sociais. No diálogo de saberes e fazeres observa-se, pelo olhar do design, o quanto a criatividade pode gerar novas possibilidades, seja pelos recursos materiais ou mesmo pela adequação nos métodos de confecção. O trabalho em grupo, para as artesãs, serve como um estímulo da produção artesanal tradicional e para desenvolverem novas técnicas.

6. Considerações Finais

Observa-se que, os saberes e fazeres manuais nas comunidades da América Latina são testemunho da riqueza cultural e da diversidade de cada região. O artesanato tenta desempenhar um papel vital na economia local, proporcionando emprego e renda, inclusive, sempre tem exemplos de suas contribuições para a manutenção das comunidades, para a conservação ambiental, promovendo práticas sustentáveis e a valorização dos recursos naturais. A integração desses aspectos pode levar a um desenvolvimento mais equilibrado, que preserve o território nas comunidades.

A aplicação de uma lógica chamada “desenvolvimentista” é geradora (ou aprofundadora) das desigualdades socioeconômicas e da estigmatização das populações tradicionais como atrasadas. A subordinação de América Latina ao modelo tradicional de desenvolvimento, ao desconsiderar as dinâmicas históricas e culturais dessa região, em lugar de catalisar processos que possam promover o aprimoramento contínuo e gradativo das condições de vida dos diversos grupos sociais – em nome de mais felicidade (individual e coletiva) e de mais autonomia.

O fracasso do modelo desenvolvimentista tradicional, demonstra como é difícil fugir à lógica convencional de desenvolvimento, cuja experiência é reveladora da subordinação do

desenvolvimento social aos interesses do mercado imobiliário, do mercado hoteleiro, do setor mineral e do agronegócio. Ou seja, pode haver um desenvolvimento local que atenda melhor aos interesses das comunidades, que se defere das propostas “empreendedoras” para atender as demandas externas. Deve-se buscar uma compreensão da cultura das comunidades em seus territórios e valorizar o que eles definem como o melhor para elas. Assim, seja qual for o modelo de vida de cada comunidade, é preciso que, para o desenvolvimento local os valores identitários da comunidade sejam respeitados e valorizados.

A diversidade dos saberes manuais é, portanto, um patrimônio a ser celebrado e respeitado, essencial para a construção de um futuro mais inclusivo e sustentável. Destacam-se entre as comunidades que, forças contra-hegemônicas procuram romper com o ciclo de controle do poder central econômico e tentam dar voz a outras formas de vida, de gestão. Essas forças, por sua vez, buscam abrir espaço a novos atores e valores. Buscam novas formas de relação, construídas e reconhecidas coletivamente. Ações que questionam o desenvolvimento ou, ao menos, não o colocam como meta primordial, tendem a ser desqualificadas dentro de processos hierarquizantes e franqueadores de sociedades, cidades e nações.

Agradecimentos

CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (Bolsa Doutorado),
PPGD - Programa de Pós-Graduação em Design da Universidade do Estado de Minas Gerais,
Comunidades participantes da pesquisa e demais instituições parceiras.

Referências

BONAVIDES, Paulo. **Ciência política**. 10ª edição, São Paulo: Malheiros Editores, 2002.

BORGES, Adélia. **Design + Artesanato: O caminho brasileiro**. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2011.

CEPAL - Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe. **Os Povos Indígenas na América Latina** - Avanços na última década e desafios pendentes para a garantia de seus direitos. Nações Unidas, Santiago (Chile), fevereiro de 2015.

FERREIRA, Patrícia Castro; Couto, Rita Maria de Souza. “Sob o olhar do design”: a construção de um ponto de vista. **Revista Estudos em Design**. Rio de Janeiro, vol. 20, nº. 1, 2012.

GÓMEZ, H. Rodríguez y D. Relaciones recíprocas en el diseño entre la cerámica de Talavera y las Líneas de Nazca como elementos de identidad. **Cuaderno 179**. Centro de Estudios en Diseño y Comunicación, edição 2023.

LEITÃO, Claudia. Cultura como desenvolvimento sustentável: a urgência de políticas públicas para a biodiversidade cultural brasileira. In: Barros, José Márcio (org.). **Diversidade, sustentabilidade e políticas: o Plano Nacional de Cultura do Brasil e a Convenção da Diversidade Cultural**. Belo Horizonte, Observatório da Diversidade Cultural, 2021.

LONGHINI, Geni Daniela Núñez. Perspectivas indígenas antirracistas sobre o etnogenocídio: contribuições para o reflorestamento do imaginário. **Revista Psicologia & Sociedade**, nº: 35, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2023v35e277101>.

MARIUZZO, Patrícia. Arte na América Latina: do monumento ao testemunho. A arte permite que histórias locais extrapolem as fronteiras e ajudem a desconstruir histórias nacionalistas. Reportagem. **Revista Ciência e Cultura**. vol. 75, no. 3, São Paulo. July/Sept. 2023. <http://dx.doi.org/10.5935/2317-6660.20230044>.

MENDES, Tatiana Larissa Pendiuk. **O elemento território e sua significação para os Pataxó da Região Extremo Sul da Bahia**. (Tese) Doutorado em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Social. - Universidade Católica do Salvador. Salvador, 2020.

MONTOYA ROJAS, Rodrigo. **Porvenir de la cultura quechua en Perú**. Lima: Fondo Editorial de la Universidad Nacional Mayor de San Marcos, 2007

MOURÃO, Nadja Maria. **Sustentabilidade na produção artesanal com resíduos vegetais: uma aplicação prática de design sistêmico no Cerrado Mineiro**. (Dissertação) Mestrado em Design. UEMG, Belo Horizonte, 2011.

NORONHA, Raquel Gomes. **Dos quintais às prateleiras: imagens quilombolas e a produção de louça em Itamatatuiua**. (Tese) Doutorado Em Ciências Sociais. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

OLIVEIRA, Ana Célia Carneiro; MOURÃO, Nadja Maria; CASTRO, Flavia Neves de Oliveira. Design e o crocheter no universo feminino. In: **Colóquio Internacional de Design**, vol 8, nº 5, Editora Blucher, 2020.

QUIJANO, Aníbal. O labirinto de América Latina: há outras saídas? In: Santos, Theotônio dos (Coord.). **Impasses da globalização – hegemonia e contra-hegemonia**. v. 2. Rio de Janeiro: Loyola, 2003.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENEZES, Maria Paula (Orgs). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

SANTOS, Milton Santos. **Por uma outra Globalização: do pensamento único à consciência universal**. 24ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2015.

SCHWARTZ, Jorge. Abaixo Tordesilhas! **Periódico Estudos Avançados**, SciELO Brasil, no. 7, vol. 17, 1993.

SILVA, Edna Lúcia de; MENEZES, Estera M. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. Florianópolis: UFSC, 2005.

VELDEN, Felipe Vander. O Que Anunciam os Chifres dos Bois? Artefatos multiespecíficos na expansão da pecuária no Brasil. **Revista de Arqueologia**. Ano: 24, Vol. 31(1), 2020.pp.67-104.

VELDEN, Felipe Vander. Rebanhos em objetos. **Revista de Arqueologia**. Vol. 36 (3), 2023.